

Álcool, Tabaco e Maconha: Drogas Pediátricas

Adolescência

A adolescência é o período que marca a passagem do mundo infantil para o mundo adulto.

Nessa fase, o adolescente passa por muitas mudanças físicas e psicológicas. Vai construir sua identidade pessoal. É um período que pode trazer dificuldades e o importante é ir acompanhando esse desenvolvimento.

Passagem difícil para o adolescente e para os pais também. Ambos precisam se despedir dessa criança. Mães com dificuldade em encerrar o período de amamentação, dizendo ainda que tem medo dele se tornar independente.

Posturas de superproteção, na tentativa de não deixar o filho passar pelo sofrimento que passou. Medidas educativas que favorecem a dependência. Vemos que também os pais precisam se preparar para esta mudança.

No capítulo, O adolescente e a liberdade, Aberastury coloca: "também os pais têm que se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias de sua parte". Comenta que precisam abandonar a imagem idealizada de líder, ou ídolo criada pelo filho e aceitar em troca, uma relação cheia de ambivalência e de críticas. Destaca ainda, a resistência dos pais em aceitar o processo de crescimento.

Calligaris aborda essa difícil fase em que não são reconhecidos como crianças e nem como adultos. Alcançaram a maturação suficiente para a passagem à vida adulta, mas vivem "um período de moratória", ou seja, um tempo de espera, imposto pela própria sociedade. Os adolescentes por sua vez, respondem a isso de maneira rebelde.

Risco do uso de drogas

Diante das dificuldades encontradas nesta passagem, o adolescente pode se deparar com a ansiedade, a depressão, a necessidade de fuga, a pressão da sociedade, a revolta com o mundo adulto, o apelo da publicidade, a oferta dos amigos, desejo de ser independente e tudo isso separado ou junto abre espaços para o uso do tabaco, álcool e outras drogas.

O uso vem pela curiosidade, necessidade de aplacar angústias da própria fase, prazer, imitação ao que fazem os amigos ou seus pais.

Estes últimos servem de modelo e o comportamento é mais forte que a fala. Portanto, pais que fumam ou bebem ensinam aos filhos esses comportamentos. E agora uma pergunta difícil: quais possibilidades de prevenção temos para que o adolescente encontre outro caminho para suportar essa fase?

Tabagismo – prevenção

Iniciar o vício é fácil, encerrar poderá ser bem difícil.

Mais de 90% dos fumantes iniciaram o hábito de fumar antes dos 19 anos. Assim, o tabagismo é considerado doença pediátrica.

Segundo Cruz E., algumas pessoas fumam ainda na infância e só pensarão em parar após os 40 anos, quando a dependência já está totalmente instalada. Acham que se desfarão do vício quando bem entenderem e só mais tarde percebem as dificuldades em deixá-lo.

Como comentado anteriormente, a fase da adolescência envolve questões complexas e os adolescentes, na busca por liberdade, autonomia e afirmação como adultos, escolhem comportamentos que julgam serem caminhos para tal independência. A forma de escolha do uso do tabaco ocorre por curiosidade e imitação de amigos, familiares e até mesmo dos pais.

Exemplo de paciente do Grupo de Tabagismo HU-USP. "Comecei a fumar com 13 anos. Olhava minha prima com 17 anos e desejando obter o mesmo que via nela, sua independência, resolvi fazer o que ela fazia: fumar".

Quanto mais tempo a criança for exposta a pai fumante, maior será a probabilidade de se tornar fumante ainda na juventude. É o que adverte uma equipe de pesquisadores do Georgetown Lombardi Comprehensive Cancer Center in Pediatrics.

A busca se dará também por questões emocionais como: timidez, vergonha, solidão, depressão, ansiedade ou os próprios conflitos da adolescência. Inicia pelos fatores acima citados e continua depois pela dependência química e psicológica que o próprio tabaco desenvolve.

A prevenção é, sem dúvida, o caminho mais importante a seguir.

Ela se estende a todos os setores da sociedade: pais, profissionais de saúde, instituições de ensino e à mídia de modo geral.

No livro "Prevenção precoce na infância e adolescência dos problemas de saúde presentes nos adultos" abordamos a prevenção do tabaco em crianças. Citamos a importância do papel dos pais:

"Estes poderão orientar seus filhos para uma vida saudável e passar conhecimentos sobre malefícios do tabaco. Podem sugerir caminhos que os direcionem a atitudes mais saudáveis. A identificação dos filhos em relação aos pais deve ser considerada. Os filhos tomam os pais como modelo e copiam o que fazem. Entendem que tudo que os pais fazem é certo e bom para eles. Afinal são adultos e assim sendo, sabem das coisas!"

Pais fumantes devem repensar seu vício, devido ao malefício causado para si e para seus filhos. O mesmo vale para parentes e amigos. Todos são possíveis modelos.

Outro fator importante são os danos causados pela condição passiva a que essas crianças estão submetidas. Não é difícil, nos dias atuais, presenciarmos pais fumando ao lado dos filhos, e o que é mais complicado, mães gestantes fumando e trazendo malefício triplo: a si, ao feto e aos filhos.

O papel dos pais

A família é o alicerce necessário na construção da personalidade do indivíduo. O papel exercido pelos pais na constituição dos filhos é fundamental. Pesquisas apontam que aspectos do funcionamento familiar atuam como fatores que envolvem crianças ao convívio com substâncias psicoativas.

A gama de comportamentos dos pais que define a prática de criação dos adolescentes subdivide-se em categorias de monitoramento e supervisão; controle, consistência/coerência e rigor de disciplina, apoio e comunicação. Os adolescentes buscam naturalmente a sua independência em relação aos pais com o intuito de controlar e decidir acerca de sua vida. Os pais frequentemente confundem essa atitude com rebeldia, pois os filhos tendem, nessa etapa da vida, a questionar os seus valores e opiniões. A transição positiva para a adolescência se faz através da negociação de mudanças nas relações entre pais e filhos, em busca da autonomia. Quando isto não acontece, o adolescente poderá se distanciar dos pais de forma hostil para conseguir manter o controle sobre sua independência. Desta forma, um dos principais objetivos das intervenções baseadas na família com adolescentes envolvidos com uso abusivo de drogas deve ser o da reconstrução de vínculo emocional dos pais em relação ao jovem, de forma a atender às necessidades de ambos.

Estudos inéditos feitos por três centros de pesquisa - a Fundação Oswaldo Cruz, no Brasil, a Universidade do País Basco, na Espanha, e a Universidade de Los Andes, na Colômbia apontam resultados interessantes.

Essas pesquisas mostram que um jovem drogado não se forma na rua. A tendência ao vício começa a ser desenvolvida dentro de casa, talvez antes mesmo de pronunciar as primeiras palavras. Segundo os estudos, a qualidade da vida familiar é o que dita o comportamento futuro do jovem em relação aos tóxicos. Para pais de drogados, essa pode ser uma dura constatação. Mas, para muitas outras famílias, a notícia é tranquilizadora: uma boa educação é, sim, a melhor proteção contra o horror das drogas.

A novidade dessas pesquisas é que elas não analisam a questão só pelo ângulo do drogado. Elas estudam também os jovens que não consomem entorpecentes. O que faz com que essa garotada, mesmo submetida a diversos apelos, não se sinta atraída pelas drogas? A resposta, tanto no Brasil quanto na Colômbia ou na Espanha, é que nos lares em que há afeto, diálogo e aconchego, os filhos não sentem necessidade de buscar refúgio em drogas. Depois de analisar a rotina dessas famílias, os pesquisadores concluíram que atenção, orientação e carinho-cuidados cada vez mais raros nas relações familiares do mundo moderno são os antídotos naturais contra o vício.

O diálogo como solução

Educar é uma tarefa árdua. Coloca-nos frente a situações desafiadoras que nos fazem desejar um manual de como criar um filho. Sinto informar que este manual não existe. Podemos sim, buscar ajuda

com familiares, amigos e profissionais. Pesquisar textos na internet, ler livros sobre o tema, refletir e ir em busca de soluções. Estabelecer diálogo, sempre.

Viver bem implica a aceitação dos limites negociados, das pessoas como elas são, sem, contudo, acolher seus comportamentos inadequados. Saber ouvir, falar, dividir, respeitar, entender, acatar mudanças e alterações proporcionadas pelo amadurecimento e experiência, perceber a si e aos outros, manter o equilíbrio emocional de todos. Essa não é uma tarefa simples.

Dialogar envolve tanto o expor ideias quanto o saber ouvir; abre a possibilidade de negociação. Nessa fase é importante a interação com o filho por meio do diálogo. Ela acontece de diversas maneiras e cabe ao adulto descobrir qual a mais apropriada para a ocasião. O adolescente, por sua natureza, não gosta de conversar com os pais. Ele precisa se afastar deles para encontrar sua própria identidade pessoal. Ele quer e precisa estar com seus amigos, seu grupo. É com ele que se identifica, com o qual se encontra como pessoa. Cabe aos pais aproximarem-se das coisas que ele gosta e conversar sobre o tema. Propostas de passeios interessantes a ele são bem-vindas.

Dialogar com adolescente é tarefa difícil, mas importante. Consiste na capacidade de os pais transmitirem a seus filhos valores, limites e noções sobre amor. Os jovens passam a ideia de que não precisam dos pais, mas precisam, e mostrarão isso através do comportamento da fala, de algum sintoma ou até através de um vício. Esteja junto, porém, permitindo que ele tenha o seu espaço. Acompanhe o seu cotidiano, suas atividades, seu grupo de amigos, os lugares que frequenta etc.

Observe, no conjunto de suas atitudes, se ele está bem consigo. Converse quando algo lhe parecer estranho ou inapropriado, buscando entender o que se passa.

Converse sobre o tema com outros pais, ou se necessário procure uma ajuda especializada nos serviços de psicologia na área de orientação de pais.

Não se distancie muito, concluindo que tudo está bem sem checar. Esse é sempre um desafio colocado para pais e filhos frente ao caminho de construção da confiança e do respeito mútuo.

As crianças precisam crescer em direção à fase adulta, mas esses mesmos adultos, agora pais, devem crescer face a este novo desafio: o de educar seus filhos.

Org. João Paulo Becker Lotufo

Pediatra

Texto extraído do livro: Álcool, Tabaco e Maconha: drogas pediátricas